LEITURAS CARTOGRÁFICAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS : EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA -CIDADE

Aline Barbosa de Araújo[1]

1. Introdução

A leitura cartográfica constitui um recurso pedagógico importante para a formação do currículo escolar, em prol de promover o processo formativo sobre o direito à cidade. As escolas públicas estão inseridas nas periferias urbanas, o que envolve a necessidade de mapear a dinâmica entre escola-cidade, destacando o Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU). O PDDU é o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana do município de Salvador, articulado as disposições da Constituição Federal, Constituição do Estado da Bahia, da Lei Orgânica do Município em prol de caracterizar as zonas no seu território, incluindo áreas destinadas a abrigar moradias populares, chamadas de Zonas de Interesse Social (ZEIS).
Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar o papel da leitura cartográfica frente às experiências de reconhecimento social vivenciadas por estudantes periféricos, bem como na promoção de polticas públicas destinada a valorização da moradia e a luta da classe popular. Para promover a relação entre cidade e cidadania, a experiência periférica deve ser problematizada na escola, apostando-se que a leitura do mundo precede a leitura da palavra Freire(1982). Diferentemente dos mapas oficiais – que priorizam a precisão técnica e uma visão distante e pretensamente neutra – a cartografia social se afirma como uma prática participativa, crítica e engajada. Nos mapas sociais e participativos, valorizam-se as singularidades e as perspectivas das pessoas e coletivos, incluindo as diferentes formas de atribuir valores, memórias e afetos aos lugares, sobretudo aos territórios transitados cotidianamente. Como destacam Gomes (2017) e Souza (2022), essa abordagem parte do princípio de que diferentes grupos sociais produzem seus próprios mapas para evidenciar o que realmente importa em seu território: áreas de risco, ausência de equipamentos públicos, locais de afeto e encontro, tensões sociais e conflitos urbanos.

No âmbito do ensino médio integrado do Instituto de Educação e Tecnologia da Bahia (IFBA), durante as aulas de Geografia, foram abordadas as temáticas da urbanização e os dilemas geográficos de Salvador, ressaltando como a participação da juventude pode favorecer o processo de construção de políticas públicas dentro e fora da escola. A escolha do tema moradia popular partiu da leitura da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (1937/1944), romance que narra a vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade nas ruas de Salvador na década de 1940 – expressão da urbanização rápida, da pobreza e da exclusão social.

Assim, justifica-se a necessidade de dialogar sobre a negação do direito de viver e produzir a

[1] Docente da Educação Básica do Instituto Federal de Educação e Tecnologia da Bahia. Mestre em Geografia pela UFS, 2005.Licenciatura em Geografia, UNEB -campus v, 2002. Estudante de Pedagogia UNEB -campus I, 2026.Contato:aline.araujo@ifba.edu.br

cidade mediante a precarização imposta pelo capital, que impõe, ainda hoje, a segregação socioespacial a crianças e adolescentes das periferias urbanas.

2. Metodologia

A metodologia aplicada para a construção desta reflexão e das práticas pedagógicas relatadas baseou-se em três etapas complementares. Na primeira etapa**:** revisão bibliográfica sistemática sobre geografia humanista, cidade-cidadania e a importância da cartografia social na formação discente. Foram utilizados como referenciais centrais Souza (2022), Gomes (2017) e Santos (2006), além das contribuições de Vieira (2019) e do próprio Jorge Amado (1937) como agente literário. Esses autores fundamentaram o diálogo entre cartografia social, ensino de Geografia e intervenção pedagógica em sala de aula. A segunda etapa **:** organização de seminários internos com os estudantes, nos quais foram apresentados relatos de experiências sobre o cotidiano no bairro, os trajetos casa-escola e as percepções sobre desigualdades e potencialidades do lugar. Os debates foram gravados em áudio e transcritos para análise qualitativa. E na terceira etapa**:** produção de mapas etnográficos (cartografia social) pelos próprios estudantes, utilizando diferentes linguagens e materiais: pintura com tintas diversas, modelagem com argila, recortes, colagens e legendas identificando áreas coletivas, ZEIS, equipamentos públicos ausentes, locais de afeto e risco. Os mapas foram expostos em sala e discutidos coletivamente.

3. Discussão e Resultados

Nas discussões, em sala de aula os estudantes trouxeram os dilemas da vida urbana na periferia e os processo de desigualdade e exclusão no cotidano frente a precarização do captial. Com a leitura cartográfica escola-cidade os estudantes tiveram maior engajamento entre a comunidade ao mapear saberes e experiências, a exemplo de mapearem seus trajetos diários – da escola para casa, do ponto de ônibus à feira, da praça ao campo de futebol – os jovens identificaram, de forma espontânea, situações de desigualdade estrutural: falta de calçadas, esgoto a céu aberto, iluminação pública precária, transporte coletivo insuficiente. Simultaneamente, destacaram potencialidades como praças com atividades culturais, atividades esportivas e locais de encontro religioso.

Conforme aponta Souza (2022), a cartografia social não se limita ao registro técnico, mas incorpora subjetividades e memórias. Isso ficou evidente quando os alunos desenharam muros grafiteados como referência de identidade, árvores centenárias como ponto de encontro, e até mesmo o" mercadinho " como equipamento afetivo de sociabilidade. Esses elementos, invisíveis nos mapas oficiais, tornaram-se centrais nos mapas etnográficos produzidos.

Outro resultado significativo foi a articulação entre passado e presente. A leitura de *Capitães da Areia* permitiu aos estudantes perceberem que a segregação socioespacial não é um fenômeno novo, mas se reatualiza sob novas roupagens. Compararam as "zonas" onde viviam os meninos de rua nos anos 1940 com as atuais ZEIS e periferias, concluindo que, embora tenham havido avanços legais (como o PDDU e o Estatuto da Cidade), a lógica da precarização do capital ainda impõe à juventude periférica o acesso desigual à cidade. Como argumenta Santos (2006), a cidade brasileira foi e continua sendo traçada de forma desigual como decorrência da expansão capitalista – primeiro colonial, depois industrial tardia (a partir das



décadas de 1940/50 em Salvador e região). Esse crescimento desigual, injusto e tenso ainda precisa ser superado.

Os mapas participativos também revelaram uma rede geográfica de uso coletivo de caráter múltiplo: afetivo, recreativo, comercial, religioso, cultural e político. Os estudantes identificaram, por exemplo, que a ausência de equipamentos públicos de lazer em seus bairros os empurra para ocupações informais (como ruas de terra batida transformadas em campos de futebol) ou para o consumo de espaços privados pagos. Essa discussão foi aprofundada com Gomes (2017), que destaca o papel da cartografia social como instrumento de reivindicação e cidadania ativa.

4. Considerações Finais

A experiência pedagógica com a cartografia social demonstrou que é possível e necessário incluir a juventude no planejamento urbano, efetivando o direito à moradia popular, à mobilidade, à educação e aos espaços de lazer. Os mapas produzidos não são meros registros; são atos políticos de emancipação que ampliam a cartografia social das futuras gerações na cidade. Além disso, a articulação entre a literatura de Jorge Amado e a realidade contemporânea mostrou-se potente para desnaturalizar a segregação e despertar nos alunos o senso de pertencimento e de luta por direitos. A escola, portanto, configura-se como espaço privilegiado para a construção da cidadania crítica participativa aos interesse da classe popular.

Recomenda-se que futuras edições do PDDU e políticas públicas municipais incorporem metodologias participativas como a cartografia social, dando voz efetiva aos jovens das periferias. Por fim, este trabalho reforça o compromisso com a justiça espacial e a cidadania plena na produção da cidade.

Palavras-chave: **Políticas Públicas, Periféria, Escola, Cidade e Cartografia.**

5. Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1944.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. **Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 7, n. 13, p. 97-110, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.488.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VIEIRA, Rosângela Pereira. **Cartografia social e ensino de Geografia: mapeando o lugar vivido.** Revista GeoUECE, v. 8, n. 14, p. 45-62, 2019.

